



SOBRE “QUEM TRAZ NO CORPO A MARCA [...], A DOR E A ALEGRIA...”: NARRATIVA, RAÇA E GÊNERO NO CIBERESPAÇO

Manuela Evangelista da Silva¹
Jussara Fraga Portugal²

RESUMO

Este escrito é um recorte da pesquisa em estágio inicial de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus I/Salvador) intitulada “Narrativas de ódio: raça, gênero e racismo no ciberespaço” cujo principal objetivo é analisar as narrativas racistas contra mulheres negras construídas e disseminadas no contexto do ciberespaço a partir das redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. A intenção é delinear um panorama teórico-metodológico sobre os conceitos abordados na aludida investigação. Para isto, este artigo constrói um traçado sobre os conceitos de técnica e tecnologia, mediante uma análise da criação da internet, para conectar com a compreensão do ciberespaço e o modo como as narrativas racistas contra mulheres negras emergem nas redes sociais. Assim, é realizado um percurso histórico para narrar como as histórias sobre as populações negras foram contadas mediante a visão hegemônica branca, heterossexual e eurocêntrica, engendrando um racismo que se estrutura nas mais diversas instâncias da sociedade. O percurso metodológico é construído a partir de uma pesquisa com base qualitativa, ancorada no método narrativo, com vistas em uma análise interpretativa-compreensiva das narrativas racistas construídas e veiculadas nas redes sociais. As mulheres negras são um dos principais alvos de construções discursivas com cunho racista no ciberespaço, enfatizando a necessidade de tecer análises sobre o modo como estes enredos são constituídos e expressam manifestações de racismo no contexto virtual.

Palavras-chave: Narrativas Racistas, Raça, Gênero, Ciberespaço.

RESUMEN

Este escrito es un extracto de la investigación en una etapa temprana de desarrollo en el Programa de Posgrado en Estudios Territoriales (PROET), de la Universidad Estadual de Bahía (UNEB / Campus I / Salvador) titulado "Narrativas del odio: raza, género y racismo en el ciberespacio" cuyo principal objetivo es analizar las narrativas racistas contra las mujeres negras construidas y difundido en el contexto del ciberespacio desde las redes sociales Facebook, Instagram y Twitter. La intención es esbozar un panorama teórico-metodológico de los conceptos cubiertos en la investigación mencionada. Para ello, este artículo construye un esbozo de los conceptos de técnica y tecnología, a través de un análisis de la creación de internet, para conectar con la comprensión del ciberespacio y la forma en que las narrativas racistas contra las

¹ Licenciada em Geografia e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET –, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus I/Salvador, manuelaevangelista9@gmail.com

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET – jfragaportugal@yahoo.com.br.



mujeres negras emergen en las redes sociales. Así, se realiza un recorrido histórico para narrar cómo las historias sobre poblaciones negras fueron contados a través de la visión hegemónica blanca, heterosexual y eurocéntrica, engendrando un racismo estructurado en las más diversas instancias de la sociedad. El camino metodológico se construye a partir de una investigación de base cualitativa, anclada en el método narrativo, con visiones sobre un análisis interpretativo-integral de las narrativas racistas construidas y transmitidas en las redes sociales. Las mujeres negras son uno de los principales objetivos de las construcciones discursivas racistas en el ciberespacio, enfatizando la necesidad de analizar la forma en que estas tramas se constituyen y expresan manifestaciones de racismo en el contexto virtual.

Palabras clave: Narrativas racistas, Raza, Género, Ciberespacio.

“Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas janelas teóricas.”
(hooks³, 2013, p. 103)

NOSSAS PRIMEIRAS NARRATIVAS: INTERCONEXÕES

A história da humanidade é permeada por acontecimentos que foram permeados pela construção de instrumentos técnicos e tecnológicos que, de algum modo, modificaram as relações das sociedades com o espaço geográfico. Portanto, é importante delimitarmos que há uma diferença entre estes conceitos, pois a técnica se refere aos recursos construídos pelos seres humanos, desde as comunidades primitivas, sendo capaz de congelar o tempo em um período histórico específico, como aponta Santos (1997). Já a tecnologia, apesar de ser um termo polissêmico, refere-se ao modo como os artefatos técnicos modificam as relações de algum modo, isto é, uma técnica que possui base científica, capaz de instigar transformações no modo de vida de uma sociedade em determinado período histórico (CUPANI, 2004).

No período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial as tecnologias passaram a influenciar de modo ainda mais intenso as relações nas mais diversas instâncias, já que estes recursos começaram a ser pensados para além do contexto militar. Tais inovações se expandem no contexto da Guerra Fria influenciando na criação da Arpanet em 1960, pelos Estados Unidos, na busca por demonstrar supremacia no conflito ideológico com a União Soviética.

³ Grafia (sobrenome em minúscula) em respeito ao posicionamento político da autora.



É com a Arpanet que damos início ao compartilhamento de dados, mediante a possibilidade de interligar as máquinas, mas somente em 1990 com a queda do muro de Berlim e a produção de computadores em larga escala pelos Estados Unidos, aliada ao avanço no sistema de telecomunicações, foi permitida a privatização da internet e a utilização dos dados em residências (CASTELLS, 2003).

A popularização da internet, mesmo que de forma gradual, sobretudo para as residências horizontaliza as relações em diversas dimensões da sociedade e, faz emergir, uma nova categoria de análise para as ciências: o ciberespaço. O espaço da informação, da comunicação aberta entre os computadores e suas memórias, multidimensional, que permite ao sujeito um intercâmbio de informações veiculadas instantaneamente, sobretudo a partir da criação de novos dispositivos como os *smartphones* que potencializam as relações virtuais (LÉVY, 1999; SANTAELLA, 2004).

O ciberespaço é apresentado a partir das constituições em rede possibilitadas pelas tecnologias digitais, as quais “[...] ampliam e potencializam a nossa capacidade de memória, armazenamento, processo de informações e conhecimentos, e, sobretudo, de comunicação” (SANTOS, 2011, p. 77). No âmbito comunicacional, a troca de mensagens é uma das funções mais utilizadas, sendo definida enquanto um espaço de comunicação efêmero, com escrita própria e novos estilos de interação (LÉVY, 1999).

Esta tessitura de nós e redes de comunicação possibilitam a construção de *sites* que intensificam estas relações em tempo real, a exemplo das redes sociais, as quais podem ser definidas enquanto “[...] um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós de uma rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2014, p. 24). Estas interconexões redimensionam as relações interpessoais que são construídas no espaço geográfico, transpondo-as para o ciberespaço, não estando ausentes os contextos que envolvem o racismo, o sexismo, o patriarcado e outras dimensões que fazem emergir narrativas racistas nestes ambientes virtuais.

Tais narrativas que, em sua maioria, têm seus enredos direcionados a mulheres negras retroalimentam o processo de colonização, o qual não pode ser compreendido de maneira estanque, mediante um período histórico específico (SANTOS, 2015), já que as condições de marginalidade das populações negras continuam evidentes na sociedade brasileira.



Desse modo, o referido trabalho é um recorte da pesquisa em estágio inicial de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), no Departamento de Ciências Exatas e da Terra (DCET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus I/Salvador*) intitulada “Narrativas de ódio: raça, gênero e racismo no ciberespaço”⁴, cujo objetivo é analisar as narrativas racistas contra mulheres negras construídas e disseminadas no contexto do ciberespaço a partir das redes sociais *Facebook, Instagram e Twitter*.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada no método narrativo com ênfase na análise interpretativa-compreensiva defendida por Ricoeur (1976), o qual assegura que “[...] compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que ela fala” (RICOEUR, 1976, p. 99). As fontes utilizadas são as narrativas racistas construídas e disseminadas no espaço da informação, através das redes sociais, as quais, de algum modo ferem a integridade da pessoa humana, ao colocar a mulher negra como objeto subjugado, criando múltiplas representações que desqualificam, sexualizam, evidenciam o racismo que tenta ser camuflado na sociedade brasileira e faz emergir a necessidade de discussões teóricas de/sobre racialidade.

Esta proposição de pesquisa atravessa a subjetividade e o corpo de uma mulher negra, do semiárido baiano que experimenta, cotidianamente, pela cor da pele, seus traços e textura do cabelo, o racismo estruturado na sociedade brasileira. Além do mais, o corpo da mulher negra, desde o processo de escravização, tem sido objetificado, sexualizado, por vezes, de forma precoce, a exemplo das mucamas que serviam como ingresso para a vida sexual dos homens brancos (GONZALEZ, 2018).

A aludida pesquisa torna-se ainda mais relevante quando nos remetemos ao contexto político-social brasileiro, com um governo de extrema direita no poder, que fomenta práticas racistas e sexistas, para nos atermos apenas a estes marcadores sociais, e alimenta quase que diariamente, através de *Fake News* e outros recursos midiáticos, notícias sobre o contexto pandêmico, grupos de esquerda, movimentos sociais; além das perseguições e retaliações nas mais diversas instâncias.

⁴ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



A PESQUISA NARRATIVA E SEUS ENCAMINHAMENTOS

A pesquisa narrativa tem como premissa um olhar criterioso para as experiências vividas pelo/a pesquisador/a, bem como as histórias narradas por outros. É um modo de compreender as vivências humanas, mediante as histórias que entremeiam as vidas dos sujeitos. Desse modo, “Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.18). Todavia, as narrativas nem sempre são permeadas por situações e experiências positivas, como é o caso desta pesquisa que analisa o modo como os corpos de mulheres negras são atravessados pelo racismo disseminado no ciberespaço.

Comumente, a perspectiva narrativa está relacionada às histórias de vida, as experiências do sujeito que narra, as dores e delícias, os atravessamentos, as racialidades, as questões de gênero, as influências históricas e muitas outras questões que emergem na análise das narrativas, as quais são o foco desta proposição de investigação. É um olhar atento para (re)construir enredos permeados por noções marcadas pela colonialidade, que retratam uma inferiorização de pessoas não brancas, mediante a escravização e subalternização.

De acordo com Paiva (2008, p. 3),

[...] a pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.

Por meio das contribuições de Paiva (2008) inferimos que este campo de pesquisa requer um olhar criterioso do investigador que busca analisar e compreender um fenômeno que perpassa a história de vida de pessoas, suas subjetividades, afetividades, o modo como leem e enxergam o mundo e as relações que as circunda.

Portanto, esta é uma pesquisa ancorada no método narrativo, cuja fonte de recolha de dados é narrativas racistas veiculadas e disseminadas no ciberespaço, mais especificamente, nas redes sociais nomeadas *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, a partir da



construção de narrativas que retratam manifestações de ódio neste espaço da informação e comunicação, contra mulheres negras.

Por narrativas de ódio definimos no escopo deste trabalho o ato de construir enredos, de modo intencional, para estimular e disseminar o ódio a outras raças, crenças, gênero, a partir de uma colonialidade arraigada que compreende o Outro como inferior, desprovido de inteligência e analisado apenas por um aspecto de sua existência.

A intenção é analisar essas narrativas racistas, tendo em vista compreender os seus enredos, considerando as categorias: raça, gênero e racismo para tecer depreensões que permitam compreender o porquê do direcionamento de tais construções discursivas às mulheres negras, a partir de correlações com o processo histórico brasileiro e a colonialidade.

Para isto serão selecionados seis perfis de mulheres negras nas redes sociais anteriormente citadas, com idades distintas, a fim de cartografar por meio de *posts* direcionados, comentários ou quaisquer outras possibilidades que sejam utilizadas para fomentar narrativas que desqualificam estas sujeitas no contexto do ciberespaço, transpondo as manifestações racistas que ocorrem no espaço geográfico para o meio virtual.

Mediante a recolha dos dados, as narrativas de racismo serão caracterizadas, de forma a localizar o onde, o por quê e o desenvolvimento do enredo mencionado, a partir do episódio que culminou em tal disseminação das escritas postadas nas mencionadas redes sociais, contextos da pesquisa. A posteriori será realizada a análise das narrativas selecionadas, a partir das categorias raça, gênero e racismo, este último entendido como estrutural (ALMEIDA, 2021), no intuito de construir um diálogo sobre estas temáticas.

Diante das considerações expostas anteriormente, evidenciamos que a pesquisa narrativa é constituída a partir de uma tríplice de elementos, a saber: a perspectiva social e pessoal, mediante o modo como as narrativas racistas atravessam os corpos e a vida de mulheres negras; a temporalidade dos enredos e sua correlação com a perspectiva histórica e o lugar, que neste caso, é o ciberespaço, com ênfase nas redes sociais (CLANDININ; CONNELLY, 2011; SAHAGOFF, 2015).

Atrelados aos excertos narrativos serão anexados elementos da vida da própria pesquisadora que evidenciam as marcas do seu ser mulher negra, mediante situações cotidianas do seu processo de escolarização, vivências pessoais e profissionais que retratam episódios racistas e discriminatórios, bem como o processo de autoafirmação a



partir de uma aceitação das próprias características físicas, sobretudo mediante a transição capilar, num processo de “reinvenção de si” (JOSSO, 2004), ao construir outros modos de se conceber e se perceber nessas narrativas.

(RE)ESCREVENDO NARRATIVAS: A MULHER NEGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL

A história do Brasil foi construída a partir das narrativas pensadas e escritas pelo colonizador. Por isso, é primordial pensar o período colonial não simplesmente como histórica e temporalmente situado, mas como um pensamento que se retroalimenta (SANTOS, 2015), cotidianamente, mediante as formas de ser e agir na sociedade. Por isso, torna-se impossível analisar raça, gênero e racismo sem mergulhar nas questões atreladas à colonialidade, à medida que a colonização se constituiu por meio do mito difusionista do vazio e da ausência de racionalidade de outros povos, no caso brasileiro, indígenas e negros/as (MALDONADO-TORRES, 2008).

A construção de uma narrativa histórica na qual a Europa é o centro da humanidade e de que todos os povos são subjugados à sua concepção de civilização nos conduziu ao equívoco de uma história única que discorresse ancorada na abordagem eurocêntrica. Para isto, há uma sequência ideológica que converge a partir dos gregos e se constitui com a noção de universalidade, sendo que até 1492 não existia uma história mundial, mas partes justapostas que versavam sobre distintos acontecimentos, não tendo a concepção eurocêntrica forjada como a primazia para narrar os fatos em escala global (DUSSEL, 2000).

Somente nos anos posteriores a 1492 que a percepção de modernidade começa a ser construída, por meio da superioridade do mundo europeu constituída com a acumulação de riquezas, conhecimentos e experiências a partir da conquista da América no século XV. Atrelado a isto, temos o conceito de eurocentrismo, que ratifica a concepção do moderno como saída da imaturidade por um esforço crítico e intelectual.

Ademais, este mito da modernidade pode ser descrito, segundo Dussel (2000), a partir das seguintes características: a civilização moderna se autodenomina como superior; a ideia de superioridade conduz a buscar por desenvolver o bárbaro; tem-se um caminho educativo a seguir, a exemplo da catequização dos povos indígenas; a



oposição ao processo civilizador requer uso da violência, como um sacrifício salvador feito pelo herói-colonizador.

No Brasil, as primeiras narrativas versam sobre o mito da chegada dos colonizadores às terras pindorâmicas, os quais seguiam para Índias, no intuito de reestabelecer relações comerciais e, tiveram todas as suas caravelas desviadas por uma forte ventania que os fizeram aportar nesta porção do espaço geográfico. O fato de considerarem estar nas Índias justificaria a denominação dos povos nativos de “índios” (SANTOS, 2015).

Contraditoriamente, recém-chegados ao território, logo buscaram um nome para defini-lo: Terra de Vera Cruz ou Terra de Santa Cruz. Assim, fizeram mapeamento das novas terras, na busca por recursos naturais e, ancorados na vertente cristão-católica, afirmavam que seguidores de religiões politeístas não eram dotados de alma, além de enfatizarem que outros povos não possuíam capacidade cognitiva e eram dóceis e passíveis, sendo esta uma das justificativas para a escravização, inicialmente com os/as indígenas e, posteriormente, com os/as negros/as em diáspora forçada (SANTOS, 2015; GONZALEZ, 2018).

Neste sentido, “[...] foi esse movimento de levar a colonização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento” (SILVA, 2021, p. 27), sobre o qual temos intensos e perversos registros na história do Brasil, cujos resquícios permanecem até os dias atuais, mediante narrativas racistas e de cunho sexista, as quais serão analisadas no devir deste trabalho de investigação.

Todo o decurso do processo de escravização foi demarcando o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. A escrava de ganho que trabalhava nas lavouras e assistia os/as irmãos/irmãs na senzala, incentivando-os a resistir; atualmente, possuem uma personificação de sujeitos que devem estar em espaços subalternos, inferiorizados. “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão” (GONZALES, 1980, p. 226), para reconhecer o quanto o lugar de existência do/a negro/a foi sendo naturalizado.

Quando se busca subverter esta lógica e a mulher negra começa a pautar suas próprias demandas por meio de ações do feminismo negro, mediante uma intersecção de gênero, raça e classe (SOUZA; RATTS, 2008), a condição de ser mulher e negra a



confronta, diariamente, através de narrativas racistas veiculadas no ciberespaço, o espaço da informação, de comunicação aberta entre computadores e suas respectivas memórias (LÉVY, 1999; SANTAELLA, 2004).

Portanto, é imprescindível tecer possibilidades de subversão a estas construções discursivas, a fim de construir outras narrativas que evidenciem o lugar da mulher negra a partir de suas potencialidades cognitivas e não como pré-determinismo por sua raça, classe e gênero; que busquem tecer discussões que versem sobre o modo como os atravessamentos de raça influenciam na vida desta mulher, para que possamos construir outros caminhos teóricos mediante a forma como vemos e experimentamos o mundo.

NARRATIVAS RACISTAS CONTRA MULHERES NEGRAS: ALGUMAS DISCUSSÕES

Mesmo que as mãos negras tenham sido construtoras deste país, tanto em dimensões arquitetônicas, quanto nos processos de lutas e resistências, inclusive pela libertação e proclamação da República, o povo negro jamais experimentou os benefícios de tais esforços, como o tem feito os setores sociais brancos (GONZALEZ, 2018). Assim, os esforços iniciais são para o levantamento de estudos que versam sobre as narrativas racistas; embora compreendamos que o termo empregado nas discussões é o de discurso, a opção por tecer análises a partir da narrativa refere-se a uma escolha teórico-metodológica, a qual se apega na crença de que “[...] narrativas são interpretativas e também requerem interpretação” (RIESSMAN, 1993, p. 22), afinal, como destaca Cartier (1993, p. 6), “[...] histórias tornaram-se um meio de capturar a complexidade, a especificidade e a inter-relação dos fenômenos com que lidamos.”

Ademais, ao tecermos depreensões sobre tais enredos a serem analisados, podemos inferir que “Narrativas assumem pontos de vista. Fatos são produzidos num processo interpretativo. Fatos e interpretações requerem e moldam um ao outro.” (RIESSMAN, 1993, p.64, tradução nossa); a partir das intencionalidades com as quais são construídos e a finalidade dessas narrativas.

Em estudo para doutorado em Sociologia pela Universidade de Southampton (Inglaterra), Luiz Valério Trindade aponta que 81% das vítimas das narrativas de ódio no *Facebook* são mulheres negras com idade entre 20 e 25 anos. Segundo o autor, as



narrativas são compostas por excertos com o uso de piadas depreciativas contra as mulheres, as quais verbalizam sobre seus corpos, cabelos e sua condição feminina.

Assim, reiteramos a necessidade do papel do/a geógrafo/a em questionar as representações e os preconceitos historicamente estabelecidos, a partir da categoria gênero, que passou a ser utilizada nos estudos para diferenciá-la de sexo, sendo a primeira compreendida a partir de uma construção social (SOUZA; RATTTS, 2008; PEDRO, 2005)

As motivações ideológicas para a construção destas narrativas racistas no ciberespaço possuem sua gênese em um racismo estrutural “[...] influenciado por crenças na ideologia do branqueamento (ou seja, a crença de que a branquitude é sinônimo de modernidade, beleza, civilidade e progresso, enquanto que a negritude seria exatamente o oposto)” (TRINDADE, 2018, s/p). Tal postura ressalta o incômodo à ascensão socioeconômica de negras e negros em lugares considerados de privilégio na sociedade. Para além de “opiniões” e representações carregadas de preconceito e racismo, são narrativas que ferem a dignidade humana, que não reconhecem o outro enquanto um ser que possui histórias, memórias, trajetórias e afetividades.

Para auxiliar na análise das narrativas apropriamo-nos das categorias raça e gênero, embora compreendamos que “[...] ser negra e mulher no Brasil [...] é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZALEZ, 2018, p. 44), respaldando pelas condições de formação histórica deste país. Compreendemos que é impossível pensar as distintas dimensões das relações estabelecidas espacialmente, sem analisar as questões de raça e gênero, delimitadas neste trabalho pelas narrativas de ódio a mulheres negras no Brasil (SOUZA; RATTTS, 2008).

As teorizações sobre raças nos permitem compreender que elas são

[...] construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz, socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estritamente realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, são, contudo, plenamente existentes no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos. (GUIMARÃES, 1999, p. 153)

Coadunamos com Guimarães (1999) no sentido de ratificar a construção social do conceito de raça, que justifica a construção de privilégios sociais, econômicos e



políticos a partir da cor da pele; orientando o modo como as desigualdades se constituem e atravessam historicamente corpos não-brancos, marcados pela inferioridade.

O conceito de gênero sempre aparece vinculado à Língua Portuguesa, enquanto flexão que permite identificar masculino e feminino nas frases e demais construções discursivas em nossa língua vernácula. Todavia, enquanto dimensão teórica de análise sociológica e também geográfica, delimitamos mediante as depreensões de Scott (1994, p. 14) que amplia o conceito de gênero, o qual, segundo esse autor, é composto por

[...] duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Esta compreensão correlacionada à aludida categoria também comporta as relações de poder, entendidas mediante as contribuições de Foucault e o conceito inter-relacional de poder, revelando o caráter de dominação e subordinação no modo como são construídas. Portanto, trata-se de uma forma de diferenciar sexo e gênero, sendo o primeiro atrelado às concepções biológicas e o último às percepções socialmente desenvolvidas.

Uma das categorias que permite a análise das narrativas neste trabalho é a de racismo estrutural. Compreendemos que o racismo pode ser entendido por meio de três categorias, a saber: o racismo individualista, racismo institucional e racismo estrutural. O racismo individualista é definido como uma anormalidade, patologia, um contexto ético e psicológico de cunho pessoal e coletivo, a partir de ações pontuais e atos discriminatórios. O racismo institucional aborda este fenômeno enquanto resultado das relações estabelecidas no contexto das instituições (ALMEIDA, 2021).

Sobre a concepção defendida nesta investigação temos o racismo estrutural como “[...] manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência [...]” (ALMEIDA, 2021, p. 21). Esta dimensão da sociedade se constitui enquanto estrutura das próprias relações sociais e raciais no âmbito político, econômico, familiar, justificando a condição histórica de marginalização do/a negro/a.



Cabe então questionarmos: “Por que vivem dizendo prá gente se por no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo?” (GONZALEZ, 1980, p. 238). Mediante o mito da democracia racial construiu-se a narrativa de uma pacificidade entre as raças, mas é importante reiterar que os atravessamentos que reverberam na vida da mulher negra cotidianamente precisam ser fonte de investigação, de (re)existência e possibilidade de construção de outras narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício para realização de uma pesquisa narrativa é um mover-se para si e para o outro, à medida que a análise dos enredos e histórias construídas no ciberespaço propiciam um autorreconhecimento do ser negra em uma sociedade marcada pelo machismo, sexismo e um histórico de escravização. Analisar as histórias de vida de outros é um reconhecer-se nelas a partir da noção da coletividade, embora os conceitos presentes nesta pesquisa sejam percebidos de diferentes formas nas narrativas cartografadas.

Neste ínterim, é importante ressaltar que “[...] cada ganho individual aumenta os ganhos do coletivo” (ANGELOU, 2018, p. 260). Cada caminho de reesistência é um olhar para si e para toda uma ancestralidade, marcada na pele pela subalternidade. Analisar tais narrativas é evocar os sentimentos que atravessam os corpos negros nesse espaço virtual, enfatizando que o racismo não se limita nas relações sociais e raciais no espaço geográfico, mas transpassam os limites físicos, as suas fronteiras.

Embora o alvo para a construção narrativa seja o perfil de uma mulher negra em uma rede social, a definição teórica precisa pensar no contexto da coletividade, mediante a associação do ser negro/a como algo ruim, da perda do ser feminino para uma sexualização precoce, das atitudes racistas, do sexismo e machismo, enfim, dos atravessamentos sobre as questões de raça e gênero e as representações construídas nas narrativas que desvelam racismo no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Feminismos Plurais – coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.



ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola.** Tradução de Regiane Winarski. Bauru: Astral Cultural, 2018.

CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. **Educational Researcher**, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 201

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiæstudia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2000 p. 41-53.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Comunicação apresentada no IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980, p. 223-245.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** Lélia González em primeira pessoa... Coletânea organizada e editada pela UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana, 2018.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos**, nº 54, p. 147-156, jul. 1999.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie- Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

PAIVA, V. L. **A pesquisa narrativa: uma introdução.** Narratives of learning and teaching EFL. London: Palgrave Macmillan, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005. pp. 77-98.



RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

RIESSMAN, C. **Narrative analysis**. California: Sage, 1993.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de ignificação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. In: Anais da XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis. **Anais eletrônicos...** UniRitter - Laureate International Universities, 2015. p. 1-7.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos, modos e significados**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral da; SILVA, Marco. **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n.3, p.11-27, 1994.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTS, Alecsandro José Prudêncio. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143-156, jan./jun. 2008.

TRINDADE, Luiz Valério P. **Mulheres negras são 81% das vítimas de discurso de ódio no Facebook, diz estudo**. Mundo negro, 2018. Disponível em: <mundonegro.inf.br/mulheres-negras-são-81-das-vitimas-de-discurso-de-odio-no-facebook-diz-estudo/>. Acesso em: 16 nov. 2020.